

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O ROMÂNICO NO CONCELHO DE GUIMARÃES. II IGREJA DE S. MIGUEL DO CASTELO.

PINA, Luís de

Ano: 1927 | Número: 37

Como citar este documento:

PINA, Luís de, O Românico no concelho de Guimarães. II Igreja de S. Miguel do Castelo. *Revista de Guimarães*, 37 (2-3) Abr.-Set. 1927, p. 136-141.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O Românico no concelho de Guimarães

II

A igreja de S. Miguel do Castelo

*«Nam é pequena desgraça nam fe faber o
«autor de qualquer obra gloriosa, e magnifica
«pera por ella fe lhe dar justo louvor, que é o
«premio devido á virtude.» — G. Estação —
V. antiguidades de Portugal — MDCXXV.*

Poderoso e arrogante, como que rilhando o céu as agulhas de suas ameias muitas vezes centenárias, o castelo de S. Mamede, no alto do lendário «monte Latito», coroa senhorilmente a cidade.

Ao pé, roído dos tempos e do esquecimento, desamparado como velhinho trôpego a quem já nada fazem tizanas ou pós da botica, desmantelado, a aluírem-se as altas chaminés, rijas ainda em seu tijolo revelho — de longe até parecem ossos esburgados pelos corvos, ossos dum cadáver abandonado e pôdre — ali está o que foi outrora o mui formoso e rico Paço dos Senhores Duques de Bragança! Jóia do Gótico perdida, andam o vento dos temporais e as chuvas dos invernos a cantar-lhe os responsos da agonia, a bufarem e a gemerem contra as arquivoltas do pórtico soberbo do seu salão e os pilares e maineis das suas formosas janelas geminadas. E, por certo, os sons vivos dos clarins que chamam à forma ou ao rancho os soldados que lá se deixaram aquartelar, reboarão por aquelas paredes em ecos soturnos, em clamor de barbaridade, arrepiando a alma triste do monumento, das suas tão mal amadas ruínas!

Ao lado, voltadas para o castelo as costas, em perrice de muitos séculos, humílima e pobre, serêna

na sua mudez de escuro e rugoso granito, fica a pequenina igreja de S. Miguel do Castelo ⁽¹⁾, que outros apelidam de Santa Margarida. Esmolada a sua restauração por gente amiga, nos fins do século XIX, tem resistido fortemente aos anos que sôbre ela voejaram por centos; mas, agora, novas fendas iam abrir-se; as águas das chuvas escorriam pelas paredes interiores como em fresca gruta; as raízes dum plátano vizinho tentavam escadraçar-lhe os alicerces; e a derrocada seria breve, se alguém dela se não lembrasse e, condoidamente — aliando à sua mágua de artista a vontade de rectamente cumprir seu dever de architecto ⁽²⁾ dos M. Nacionais — lhe não deitasse mão salvadora; e a ermida de S. Miguel do Castelo, a que foi *Capela Real* na meninice da nacionalidade, já parece remoçada, linda e mais limpa de excrecências tumorais que a molestavam e molestavam também nossos olhos ⁽³⁾.

E' pois aí que, sôbre êsse alçântil verdejante, estas três relíquias de outras idades, as mais velhinhas de Guimarães, do «burgo de Vimaranes», ainda nos entontecem a alma que sente e os olhos que vêem; relíquias sagradas, grande tesouro de pedra que vale tanto como os que são de ouro de lei; trindade sagrada que se vai desmanchando aos poucos, pelo tempo e pela impiedosa incúria dos homens!

Que a gente da velha Vimaranes, ressuscitando em si os brios da grei antiga, se apeguem e agarrem a essas muralhas, aos seus pórticos, às suas pedras, e as amparem, as sustentem, como se a todo o momento lhas viessem roubar; e, a não fazerem dest'arte, que ao menos as respeitem e façam respeitar, a essas velharias que fizeram o burgo, que fizeram a cidade, que fizeram o seu orgulho, que fizeram os «bons burgueses de Vimaranes», de que conta a História!

(1) Os mais antigos documentos só assim a denominam.

(2) O distinto architecto Sr. Baltasar de Castro, alma dedicada e inteligentemente servindo a arte, protegendo-a, amando-a. Que Guimarães lhe seja grato.

(3) Quási um barraco que lhe foi encostado, para fazer de sacristia, etc....!

Sôbre a história desta pequena igreja, de somenos é o que pode dizer-se; mas, em pesada compensação, para grande emprêsa é o marcar-lhe a época absolutamente precisa da fundação, que, sendo ignorada, tem sido referida sem firmeza por vários estudiosos; e para que êste meu trabalho fique o mais completo possível, tentarei, numa primeira parte, deslaçar a meada de opiniões que foram lançadas sôbre o seu nascimento, que em treva de poço se esconde; nas restantes laudas apresentarei o estudo de conjunto da sua architectura, detalhando-a o mais precisamente, para que a sua monografia se apresente à gente ledora de arte como cousa a que uma manchazinha de inédito possa dar graça e, quiçá, mais valimento.

Acho incompleto tudo o que sôbre esta igreja se tem escrito; parece que, por pobrinha e arrecadada cá para o Norte do país, os olhares que lhe deitam são de soslaio e o que dela as penas deixam traçado nos papéis da letra redonda é de fugida. Por mim, sigo o que aconselha inteligentemente F. Alves Pereira (1): «*Desnecessário é hoje encarecer as vantagens, que resultam de registrar, nas páginas das publicações especiais, tôdas as relíquias, por mais modestas que pareçam, da architectura antiga. Não é simplesmente o edificio monumental e grandioso, que deve ser estudado: nas construções da mais reduzida fábrica, escondidas nas sombras dos campos e relegadas para o fundo dos vales, há importantíssimos elementos de observação.*»

Mas, como já larga vai esta pregação, passo à história do fundamento da afamada igreja de S. Miguel do Castelo, que é das mais sóbrias e simples igrejas do «*nosso espólio de architectura românica, não intacto e puro, mas escalavrado e reduzido*» (2), contemporânea, segundo Filipe Simões, da igreja de Cedofeita, na cidade do Pôrto (3).

(1) «Uma fundação de D. Tareja», in «O Arqueólogo Português», 1918, pág. 113.

(2) «S. Pedro de Rates» — Manuel Monteiro. 1908.

(3) «Relíquias da architectura romano-bizantina em Portugal» — Filipe Simões. 1870.

A data da sua fundação, desconhecida como foi dito já, é o que vou ensaiar descobrir; anda ela ligada intimamente à origem do Condado Portucalense, pois tão antiga é como êle, se o que ao diante eu escrever for capaz de demonstrar.

Para que se historie S. Miguel do Castelo, para se tentar descobrir seu nascimento, hei que remontar-me longe, revolver-me nas trevas da fundação do burgo vimaranense, entre as quais já estrelejam, graças a Deus, alguns luzeirinhos clarificantes, devidos a uma falange de mais ou menos certos historiadores; dêstes, das suas asserções, o Dr. João de Meira — raciocínio belíssimo de interpretações sinceras e bem honestas — alijando de seu coração amores pátrios e bairrismos exagerados — êle, que era um patriota inegável —, arrancou a verdade e varreu as mentiras, pois só assim se pode fazer História conveniente; e é com êles, com êsse honesto Professor e com os demais historiadores reputados sinceros, que eu vou em peregrinação aos séculos atrás, amparado com suas memórias, seus escritos, suas asserções e seus sábios raciocínios.

Que o eu ir recontar agora alguns factos de história, já por todos sabida, me não seja levado de tal guisa que me acoimem de mero copista ou tólo mostrador de erudição livresca; não, simplesmente sou obrigado a fazê-lo, resumindo ao máximo a história de Guimarães primitiva, para assim poder encadear bem esta parte tóda de raciocínio histórico.

Está mais que provado que Guimarães deve sua origem à Condessa Mumadona; nada se encontra em documentos que garanta ter existido alguma edificação ou agregado urbano anteriormente a ela (1). Ela sim, ela foi quem povoou Guimarães, fundando o seu convento *duplex* de frades e freiras, no local onde hoje se encontra a celebrada Igreja de N.^a S.^a da Oliveira,

(1) «Guimarães nasceu em volta do convento fundado por Mumadona numa quinta sua, no meado do século X. Anteriormente a esta data não existia no local onde nos encontramos qualquer agregado urbano. Como consequência: — Nem Guimarães pode ter sido a Araduca de Ptolomeu, nem S. Dâmaso, que viveu

a Colegiada de Guimarães, e, lá em cima, o castelo de S. Mamede para defesa do mesmo mosteiro, castelo que os reis primeiros acrescentaram e asseguraram melhor (1).

no século IV, pode ter sido vimaranense.» — João de Meira — Conferência. «Revista de Guimarães» — 1921. N.º 3. Julho.

«a *villa nuncupata Vimaranes* era uma simples propriedade rural onde não existia coisa que se parecesse com a tórre, o povoado e a igreja dos crédulos monógrafos. As razões em que fundamos esta opinião (que de resto parece ser a de Gaspar Estaço, Alexandre Herculano, Martins Sarmento e Alberto Sampaio) são demasiado claras para não serem bem recebidas por quantos se interessam por estes assuntos.» — João de Meira — «O Claustro da Colegiada» de Guimarães. 1906. N.º 1. Janeiro.

«efta villa nam começou de cima, quero dizer do Castello pera baxo, como alguns dizem, fenam debaxo pera cima, como fe mostra pello que temos dito, que ê começaffe ella pello burgo feito iunto ao mosteiro.... .o certo ê, que debaxo começou, porque claramente confita do burgo feito en baxo iunto ao mosteiro, e nam confita de *algua habitação feita en cima.*» — Gaspar Estaço — «Varias antiguidades de Portugal».

«Pelo que pertence ás demais Povoações da Diocefe de Braga, he de advertir que todo o tempo, que corre desde a ruina da monarchia dos Godos, até o Conde D. Henrique, as Povoações das Provincias de Entre Douro e Minho, e Tras os Montes, mais confitão em Castellos, e Torres, em que poder defender-fe das invafoens dos Arabes, que em Cidades, ou Villas, na forma que hoje vemos, e o nome de Villa fe dava a qualquer Aldea, Lugar ou Cafal, fegundo tenho obfervado nas Memorias Antigas.» — Contador de Argote — «Memorias para a historia ecclesiastica do Arcebispado de Braga». L. VI. C. III. T. III.

«Mumadona achou isto deserto, e a ella é que deve considerar-se como verdadeira fundadora de Guimarães...» — Pinho Leal — «Portugal antigo e moderno».

(1) Gaspar Estaço, nas suas «Varias Antiguidades de Portugal», cita e transcreve documentos assinados por Mumadona, rogando que conservem o seu castelo e auxiliem, como parte que era do mosteiro; é datado de 960 (E. de C.).

«S. Mamede era hum Castello, que edificou a condeffa Mumadona, para defensa do mosteiro de Guimaraens.» — C. de Argote — «Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga».

«Foi provavelmente depois de 998, que se concluiu sobre o alcantilado monte *Latito*, o forte castello, com altas muralhas e macissas torres, cercado de profundos fossos...». «...A velha

De tudo isto se conclui, e importantíssima conclusão esta é, que **Guimarães, no tempo de Mumadona, era composta simplesmente de Castelo e Mosteiro, à roda dos quais começou a aninhar-se a população.**

Não há documentos que provem que isto assim não era, e tôdas as opiniões sôbre *Araduca*, e quejandas cidades imaginárias, caíram já sob a crítica do Prof. Dr. João de Meira ⁽¹⁾; portanto, quando o conde D. Henrique entrou a governar estas terras, cem anos quási se passaram desde as fundações de Mumadona ⁽²⁾, vindo encontrar a povoação servida da mesma forma por castelo e convento, pôsto que nada há que firme nova construção importante.

E aqui estou chegado a esta conclusão que vem arrastando tão estirado discurso: — **a igreja de S. Miguel do Castelo não existia quando D. Henrique entrou no seu condado, portanto não é anterior ao século XI, ou é-o, se foi construída nos restantes cinco anos do século e primeiros do govêrno do Conde, o que me parece pouco admissível, como adiante justificarei. Afigura-se-me ter sido construída no princípio do século XII, segundo raciocínios que se seguirão quando puser em confronto a sua arquitectura com a de outras igrejas dêste século, algumas até dentro do próprio concelho de Guimarães.**

(Continua).

LUÍS DE PINA.

torre e castello d'esta cidade foram feitos pela Condessa *Mumadona*, pelos annos de 957, dando-lhe o titulo de castello de S. Mamede, para defeza do mosteiro *dobrado* (de frades e freiras) que fica na baixa da collina...». «...E' mais provavel que a Condessa não terminasse as obras de defeza, pois não consta que ellas estivessem em estado de resistencia na occasião das invasões dos mouros, em 967 e 998...». — Pinho Leal — «Portugal antigo e moderno».

(1) João de Meira — «O Claustro da Colegiada» de Guimarães.
 (2) Idem — «O Concelho de Guimarães», pág. 53.